

# Revista

setembro/outubro 2003

**Impresso  
Especial**

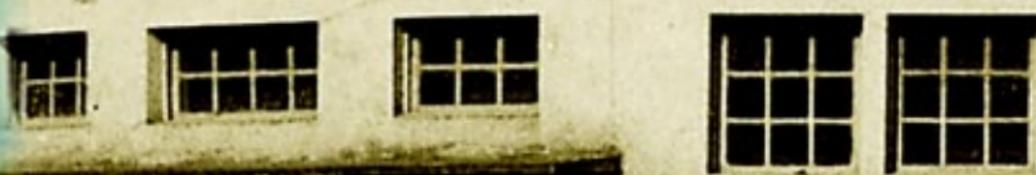
68003032/2001-DR/SC  
WEG Indústrias SA

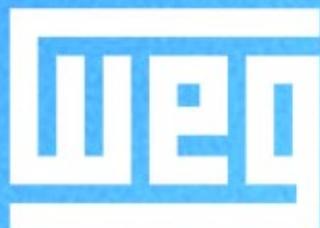
...CORREIOS...

*A porta do  
passado se  
abre para  
o futuro*



FÁBRICA DE MOTORES ELÉTRICOS  
**WEG**  
ELETROMOTORES JARAGUÁ LTDA.





# em revista

Ano III nº 24 setembro/outubro 2003



Saiba  
porque a  
**WEG**  
tem tudo  
a ver com  
**TRANSFORMAÇÃO  
DE ENERGIA  
EM SOLUÇÕES**

Navegue na WEG [www.weg.com.br](http://www.weg.com.br)



Catálogo  ELETRÔNICO



*Transformando energia  
em soluções*

## índice

A preservação vista  
com outros olhos 4

WEG inaugura um  
museu diferente 8

Marcos Frota dá  
nova vida ao circo 13

Jaraguá na rota  
dos grandes shows 16

WEG brinda 42 anos  
com a comunidade 18

### expediente

WEG em Revista é  
uma publicação  
da WEG.

Av. Prof. Waldemar  
Grubba, 3300,  
(47) 372-4000,  
CEP 89256-900,  
Jaraguá do Sul -  
SC.

[www.weg.com.br](http://www.weg.com.br)

[faleconosco@weg.com.br](mailto:faleconosco@weg.com.br) Conselho Editorial:  
Jaime Richter (diretor), Paulo Donizeti  
(editor), Caio Mandolesi (jornalista  
responsável), Edson Ewald (analista de  
Marketing). Edição e produção: EDM Logos  
Comunicação, telefone (47) 433-0666.  
Tiragem: 12.000.



DIVULGAÇÃO

## Pode pisar na grama

**T**radicionalmente, um museu empresarial mostra o quê? Fotografias antigas, produtos que eram fabricados pela empresa há muitos anos, peças e material de trabalho antigo, saudosos catálogos e um gosto de saudade. O Museu WEG, recém-inaugurado, também tem tudo isso. Lá estão painéis, mostrando as imagens de um tempo bom. Há motores antigos - a maioria, aliás, ainda em condições de funcionamento. Há ferramentas rústicas, documentos com mais de 40 anos. Até uma caminhonete dos anos 50! Mas, além e acima de tudo isso, no Museu WEG há vida, muita vida. Não é proibido mexer nos equipamentos expostos. Há até a possibilidade de levar um pequeno susto, ao se apertar um botão e algum negócio se mexer. Mas a idéia é essa mesmo: fazer com que o visitante interaja com o ambiente, saiba como algumas coisas funcionam, entenda a história da WEG, conheça seu passado e saia com uma idéia do que vai ser o seu futuro. Esta é uma nova mentalidade na arte da museologia: não ser apenas uma exposição de antiguidades, mas uma porta ligando o passado ao futuro. Algo como um belo jardim, onde as plaquinhas dizem "pise na grama".

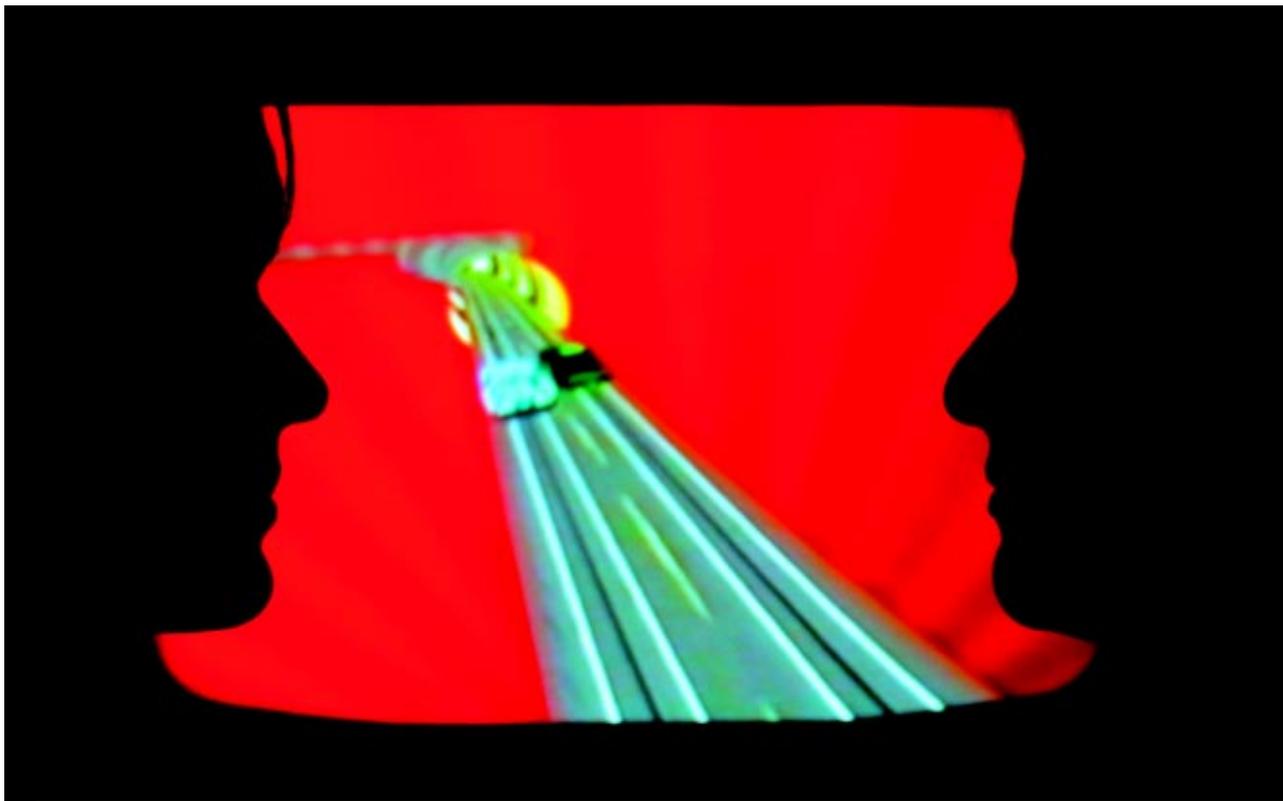


Imagem do acervo do Itaú Cultural

# Você virou peça de

✦ *Museus brasileiros ganham status de prioridade no Ministério da Cultura, inspiram ações corporativas e despertam para a interatividade, abandonando a imagem de depósito de velharias*

---

GUILHERME DIEFENTHAELER

---

**E**m quatro frases rápidas, o texto de apresentação do colossal Museu de Ciência e Tecnologia (MCT) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) dá o recado: “Museu é cultura, lazer e aventura. Não apenas uma coletânea de objetos do passado. Aqui, propomos a participação do visitante como o agente que vê, toca, experimenta, brinca, testa e compara. É uma forma atraente e lúdica de aprender”. Sucesso de público (atraiu quase 400 mil pessoas em 2002) e de crítica (costu-

ma ser citado como referência por ilustres especialistas), o MCT investe num conceito relativamente novo no Brasil: mais do que um espaço para conservação e exposição de acervos, o museu deve ser um ambiente dinâmico, que produza conhecimento e interaja com o cidadão.

Aquilo que os estudiosos classificam como a “quarta geração” dos museus encontra bons representantes no campo das ciências e da tecnologia, mas também vai tomando corpo, gradativamente, em outras áreas. Mesmo os empreendimentos tradicionais embarcam nessa tendência e buscam alternativas para envolver o público, por meio de atividades educativas. Sua excelência, o visitante, tornou-se peça

de museu. “Hoje, o maior desafio das instituições é saber como contribuir para a inclusão social, atendendo a diferentes setores da população”, reitera a museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno, diretora da Divisão de Iconografia e Museus do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (veja entrevista ao final desta reportagem).

Há muita gente empenhada em vencer tal desafio - e observa-se, simultaneamente, todo um movimento pró-museu, seja na esfera pública, seja na iniciativa privada. Em maio deste ano, ao cabo de diversas reuniões com entidades e profissionais da área, o Ministério da Cultura (MinC) divulgou um documento de 47 páginas no qual enumera as bases para a criação da Política Nacional de Museus (PNM). Um dos objetivos, talvez o principal, é revitalizar os centros de memória existentes - informatizar, qualificar sua gestão, aprimorar sua infra-estrutura, capacitar seus recursos humanos -, sem perder de vista o estímulo à criação de outros.

Durante o lançamento da PNM, no Rio de Janeiro, o ministro Gilberto Gil conclamou as lideranças do setor para “uma caminhada política” rumo à valorização dos museus. Formular e implementar esse conjunto de diretrizes era prioridade manifesta por Gil desde o início do governo, revela o secretário do Patrimônio, Museus e Artes Plásticas do MinC, Márcio Augusto Freitas de Meira. Não tardou a deslanchar. “A construção da PNM foi amplamente democrática, com um intenso envolvimento da comunidade museológica brasileira”, frisa o secretário, em depoimento à *WEG em Revista*.

A mesma comunidade assiste, entusiasmada, ao despertar da empresa para a importância dos centros de memória. É cada vez maior o número de projetos de resgate histórico assinados por grandes organizações privadas. Companhias como Gessy Lever, Petrobrás, Vale do Rio Doce, Embraco, Multibras Eletrodomésticos - além da WEG, é claro -, e bancos como Bradesco e Itaú, já desenvolveram os seus. “Ao lado da responsabilidade social e ambiental, a responsabilidade histórica é um elemento-chave para a transcendência organizacional e fortalece a sua identificação com a sociedade”, escreveu, em artigo recente, o diretor-executivo da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje), Paulo Nassar.

Habitualmente, esses museus vão se ocupar da trajetória que há por trás das empresas que representam. O Centro de Memória Multibras, por exemplo, acompanha a evolução da geladeira - seu carro-chefe - desde os anos 50 e relata algumas curiosidades sobre as marcas que detém, as famosas Consul e Brastemp. É diferente o caso do Itaú Cultural, projeto bancado pelo grupo que controla o banco, mas dedicado a pesquisa, fomento e difusão cultural. “Nossa missão é contribuir para a democratização da cultura”, resume a gerente de Ação Educativa do órgão, Renata Bittencourt.

## >>> “Entrar na arena”

O Itaú Cultural abriu as portas em 1989, como um serviço que franqueava para escolas o banco de dados da instituição. Adiante, passou a realizar cursos e produzir vídeos, lançou uma enciclopédia on line de artes visuais e deu início a um programa para potencializar investimentos no cenário cultural. No ano passado, ampliou o foco, inaugurando um centro de 2.250 metros quadrados, em plena avenida Paulista, onde promove exposições, mostras de cinema e teatro, shows musicais e encontros com intelectuais. O complexo, que recebe 1.900 visitantes por dia, aposta na interatividade para estabelecer diálogos e disseminar a educação em torno do patrimônio cultural. Parte do seguinte princípio: “Os visitantes não devem ser vistos como indivíduos passivos. Pelo contrário, devem ser convidados a entrar na arena e falar, perguntar, opinar, brincar, apropriar-se daquilo que é apresentado”, anuncia Renata.

O preceito cabe como uma luva para descrever a categoria dos museus interativos de ciências, nos moldes do gaúcho MCT. Na Europa e nos Estados Unidos, eles não chegam a ser novidade. Perto de 60% dos norte-americanos adultos freqüentam esses lugares ao menos uma vez por ano. “Estudantes que participam de programas interativos apresentam melhorias na criatividade, na percepção, no desenvolvimento lógico, nas habilidades de comunicação, na motivação e em atitudes positivas com relação à ciência e à tecnologia”, maravilha-se o professor Marcelo Knobel, coordenador do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (NuDecri) da Unicamp.



Knobel: Brasil está atrasado

# museu



DIVULGAÇÃO

Prédio do Itaú Cultural, em São Paulo



DIVULGAÇÃO

### Itaú Cultural permite interatividade

O professor faz parte de um grupo integrado por Unicamp, Prefeitura de Campinas e Academia de Ciências de São Paulo, que costura o ambicioso projeto de “criar um museu de ciências interativo comparável aos melhores do mundo”. Ranking em que despontam empreendimentos como a Cidade das Artes e das Ciências, em Valência, na Espanha, o The Tech Museum of Innovation, de San Jose, na Califórnia, e o Parque de Ciências Explora, no México. O Brasil, segundo Knobel, “está bem atrasado” na tendência global dos museus *hands on*, apelido que faz alusão ao uso constante das mãos, para lidar com os experimentos.

Entre os projetos nacionais bem-sucedidos, ele menciona a Estação Ciência da USP, em São Paulo, e o Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. “A interatividade é um dos processos mais importantes da moderna museologia”, sublinha Alsioni Canuto, técnica em Museologia que desenvolveu o projeto do Museu WEG. “Se o museu não emociona e não interage de alguma forma, não tem razão de ser.”

O MCT, da PUC, em Porto Alegre, emociona e interage. Aguçar a curiosidade e desvendar o prazer do conhecimento são propósitos da instituição, embutidos no slogan “a maior descoberta é aquela que a gente faz”. O endereço, junto ao campus da universidade, abriga cerca de 700 atrações que tratam de temas como a evolução da Terra, biologia, saúde e medicina, física e matemática. Em outubro, o MCT sediou um workshop internacional sobre design e construção de experimentos interativos. Mas, se o interesse crescente pelo modelo confirma o sucesso do museu exploratório, ao estabelecer uma relação mais estreita com a comunidade, vale ressaltar que também os chamados museus tradicionais estão atentos à interatividade. Veja-se o caso do MAM (Museu de Arte Moderna), de São Paulo, que organiza 40 cursos regulares, boa parte aproveitando o acervo da instituição. “Estamos tentando fazer com que o público se sinta bem e venha sempre ao museu”, justifica a coordenadora executiva do MAM, Vera Barros. O Museu Imperial, em Petrópolis (RJ), promove encenações e filmes para contar fatos da história do Brasil. A idéia, em todos eles, independente do ramo, é que o visitante seja capaz de “redefinir a exibição” - traduzindo: que volte para casa com a agradável certeza de ter entendido o que viu.

## Compromisso com a atualidade

Coordenadora do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e diretora da Divisão de Iconografia e Museus da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, a professora Maria Cristina Oliveira afirma que a abertura à interatividade deve ir além da oferta de atividades lúdicas.

### ***O museu brasileiro interage com a sociedade?***

*Os museus ampliam acervos e enfoques patrimoniais, atualizam técnicas e processos de trabalho, compreendem a importância da formação e da profissionalização. Estão envolvidos, portanto, nos processos de modernização e democratização das instituições. Há um consenso de que eles devem atuar para a sociedade, interpretar suas questões sócio-culturais e compreender suas expectativas. Daí, observo que existem muitas possibilidades para entender a interatividade nos museus. Não se trata, apenas, de mexer nos objetos ou de desenvolver atividades lúdicas. As relações que se estabelecem entre o público e os conteúdos são muito mais complexas. O importante é qualificar a interatividade do ponto de vista da utilização de tecnologias e relações interpessoais.*

### ***Que instituições têm obtido sucesso nesta busca?***

*Há muitos bons exemplos, com atuação marcada pelo compromisso com a atualidade museológica e as expectativas da sociedade. Evidenciam uma enorme energia para a preservação e comunicação patrimoniais. Apenas a título de exemplo: Museu Lasar Segall do MinC (São Paulo), Museu da Vida da Fiocruz (Rio de Janeiro), Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville (Santa Catarina), Estação Ciência/USP (São Paulo), entre muitas outras. Cabe destacar, entretanto, que qualifico os bons trabalhos museológicos a partir de múltiplas variáveis, e não apenas pela possibilidade de manipular alguns recursos expositivos.*

### ***Como você avalia a atuação dos museus empresariais?***

*Alguns dão ênfase ao próprio ofício e ao perfil da empresa, outros desenvolvem a ação museológica mediante a identificação da importância da empresa para a região, ou, ainda, fazem conexões com empresas congêneres em outras regiões e países. O importante desses museus é que atuam a partir da valorização patrimonial do trabalho e dos trabalhadores e desencadeiam grandes movimentos atrelados ao reconhecimento e autoestima individuais e coletivas.*

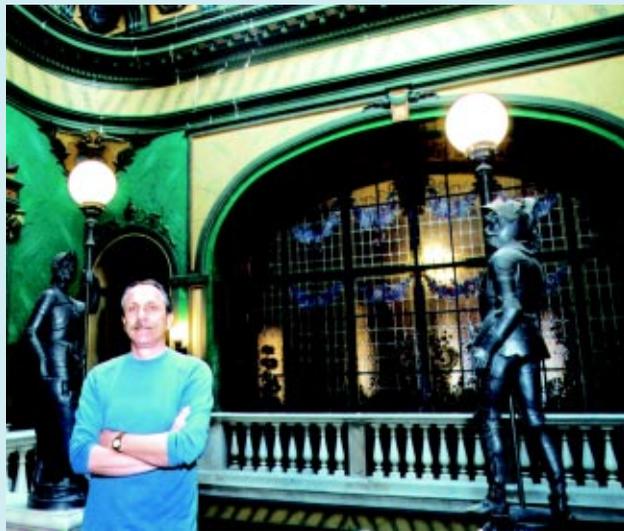
“A preservação da memória tem relação direta com nossa identidade cultural”, defende Max José Müller, coordenador técnico do Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa. Nesta entrevista, ele defende a popularização dos museus - com a cautela de evitar a “vulgarização”, que comprometeria o patrimônio exposto.

### **Qual o caminho para popularizar o museu como instituição cultural?**

*A popularização é desejada, e por ela se vem trabalhando há muito tempo. O pulo do gato, aqui, é não confundir com vulgarização ou banalização. Se observarmos o comportamento de instituições européias - que têm mais tempo e experiência -, veremos que esse aspecto está perfeitamente equacionado e que elas intermedeiam de forma salutar a relação entre o visitante e o acervo. Para facilitar a vida dos educadores, e quando há recursos, podemos montar programas que viabilizem visitas de portadores de necessidades especiais ou ações usando réplicas com objetivos didáticos. Somente nesse caso, permite-se o contato direto com o objeto, uma réplica.*

### **Por que ainda há quem veja o museu como depósito de velharias?**

*A história dos museus brasileiros começa no tempo do Vice-Reinado. É, portanto, longa e complexa. Importa dizer que a afirmação de que o museu é ou foi um repositório de velharias é evidentemente equivocada, mas disseminada na sociedade. Pura semântica que encontra abrigo em um discurso falsamente modernizante, cujo escopo é provocar sentidos negativos no inconsciente popular, referindo-se à grande questão da preservação da memória. A preservação da memória tem relação direta com nossa identidade cultural, e este é o cerne da questão.*



Acima, uma das salas do Museu Histórico; ao lado, Max Müller em outra sala

FOTOS: MARCIO HENRIQUE MARTINS

### **Como vê a tentativa de tornar as exposições mais atrativas?**

*A museografia se desenvolveu, servindo-se de diversos recursos oferecidos pelo marketing, através da programação visual. Paralelamente, novos métodos de ensino e pesquisas na área da educação estimularam os pedagogos a, também nos museus, realizar um trabalho de aproximação entre acervo e visitante. Antes, entretanto que a confusão se instale, devemos con-*

*siderar que a função preceptiva do museu é a conservação do seu acervo, e que uma interação mal intermediada com o público pode gerar prejuízos incalculáveis para o conjunto do patrimônio em questão. Todos os museus brasileiros minimamente afinados com as escolas regulares de museologia do país têm, pelo menos desde 1980, forte preocupação em criar uma cumplicidade entre o visitante e seus acervos.*

WEG

FLÁVIO UETA



# Um museu: fazendo história

DEISE ROZA

▶ *A WEG inaugura seu próprio museu, no local onde a primeira fábrica começou há 42 anos*

Você sabe como um motor de máquina de lavar é feito? Sabe como se origina a energia elétrica? Talvez sim. Mas, já imaginou como seria estar dentro de uma chaminé? Sabe como três homens, com um capital irrisório, conseguiram montar uma empresa que hoje fatura R\$ 1,5 bilhão por ano?

Essas perguntas podem parecer não ter nada em comum, podem dei-

xar você confuso. Mas incerteza, questionamentos e a possibilidade de várias interpretações são poderosas formas de se chegar ao conhecimento. Instigam a curiosidade. Você quer respostas ou quer reflexão? Quer apenas ver ou também sentir?

Isso tem tudo a ver com o Museu WEG. Porque um museu moderno é concebido para fazer pensar e aprender, levar as pessoas a se perguntar o que fazem ali, procurar suas origens, encontrar inspiração para o futuro. É um espaço onde se pode tocar, brincar, sentir.

**“Nós abrimos motor elétrico, para que se pudesse sentir um coração pulsando dentro dele. O coração do desenhista, do projetista, do trabalhador da fundição, do vendedor. Para transmitir o sentido mais amplo do motor, que é ser o fruto do trabalho das pessoas.”**

**Alcioni Macedo Canuto**

Dentro deste modelo, a WEG inaugurou no dia 16 de setembro - data em que completou 42 anos - um museu onde a interatividade é uma das

características principais. O espaço, que ocupa uma área de 960 metros quadrados, é uma obra que já se destaca como única no gênero de museu de empresa no país, segundo a doutora em museologia Maria Cristina Bruno, da Universidade de São Paulo (USP).

Vai muito além de ser um memorial, e supera em modernidade muitos dos museus brasileiros. Em vez de objetos antigos amontoados, este museu segue uma nova tendência, a da interatividade. Ao contrário dos avisos de “proibido tocar”, no Museu WEG, o visitante vê logo que a idéia é interagir com os objetos, mexendo, sentindo e se apropriando da história que representam. “O objetivo é provocar a emoção para levar ao conhecimento e fazer com o que as pessoas se sintam fazendo parte da história”, explica a técnica em museologia responsável pelo projeto, Alcioni Macedo Canuto. “Enquanto um museu não emociona, não faz a pessoa se sentir refletida, ele não tem razão de ser”, acrescenta.



▶ **Décio da Silva:** preservar valores



▶ **Alcioni:** objetivo é provocar emoção

## Trilogia do conhecimento



FOTOS: FLÁVIO UETA

▶ Um mural mostra os três fundadores da WEG

*Um dos diferenciais do museu é ampliar seu potencial educativo. Pode-se dizer que, dentro da concepção histórica, a WEG é ainda uma criança. Mas a partir dos testemunhos materiais destes 42 anos de vida, garimpados no chão de fábrica, este espaço vai muito mais longe. O Museu WEG é concebido como uma trilogia do conhecimento, fundindo a história da WEG e de seus três fundadores - Werner Ricardo Voigt, Eggon João da Silva e Geraldo Werninghaus - com a história e a cultura do povo de Jaraguá do Sul e também aspectos da ciência e tecnologia. Por isso, além de aprender sobre a evolução da fábrica*

*e energia elétrica, você descobrirá, se ainda não sabe, o que é o estilo enxaimel e aprenderá o significado da palavra früshtück.*

*Foi pensando no futuro que a WEG resolveu preservar e fazer um uso educativo do seu passado e da sua história. “Além de homenagear os fundadores e os funcionários, estamos pensando nas crianças”, afirma o presidente executivo da WEG, Décio da Silva. “Este museu tem a função de preparar os futuros colaboradores, com a preservação de seus valores. Porque a tecnologia, a parte física, é efêmera. Mas princípios e cultura são valores que permanecem”, completa.*

## >>> Primeira fábrica

O Museu WEG fica no prédio onde começou a empresa, em 1961. Tinha 200 metros quadrados, era alugado e abrigou a produção por cerca de quatro anos. Ele foi comprado pela WEG em 2000, com o objetivo de sediar o museu. É uma edificação construída em 1940 para ser uma marcenaria, e já faz parte do patrimônio histórico de Jaraguá do Sul. Hoje o grupo WEG tem 263 mil metros quadrados de área construída.

A reforma do prédio foi desenvol-

vida pelo arquiteto Reinhard Conrad. “A forma final é o resultado da união da arquitetura com a museologia”, explica ele. O museu tem pisos irregulares e com formas geométricas, paredes inclinadas e coloridas, e alguns corredores são mais estreitos. “A idéia é fazer a pessoa sair com a sensação de que descobriu coisas, para não esquecer mais”, explica. A visita é mesmo uma descoberta, pois não há um roteiro definido a seguir, o visitante pode explorar o local à vontade.

## >>> Três homens

Era 1961, três homens beirando os 30 anos se uniram, juntando um capital que daria para comprar três fuscas, e montaram uma empresa. Fundaram uma fábrica de motores elétricos numa cidadezinha do interior de Santa Catarina com apenas

20 mil habitantes, a maioria de origem rural. Segundo o historiador Apolinário Ternes, que escreveu um livro contando a história da WEG, na década de 60, naquela região, um motor elétrico era peça essencial para várias atividades, e não era fácil ad-

quiri-lo sem uma espera de 40 a 60 dias. Usaram as iniciais de cada um para compor o nome do negócio, o que acabou também formando a palavra “caminho” em alemão: WEG. Hoje seus motores estão presentes no mundo inteiro.

### Quem é o

Werner Ricardo Voigt, descendente de alemães, é o especialista em elétrica e eletrônica. Nasceu em Schroeder, cidade vizinha a Jaraguá do Sul. Começou a aprender eletricidade com o avô Leo Schulz. Na adolescência trabalhou como aprendiz em várias oficinas do ramo. Serviu o exército em Curitiba na área de eletrônica e depois estudou, na mesma área, na Escola Técnica Federal do Paraná. Em 1956 abriu uma pequena oficina própria em Jaraguá. Toca clarinete e foi um dos membros da primeira Orquestra Sinfônica de Jaraguá do Sul.

### Quem é o

Eggon João da Silva é o administrador. Descendente de portugueses e espanhóis por parte de pai e de húngaros e austríacos por parte de mãe. Nasceu também em Schroeder. Foi auxiliar de cartório, bancário e gerente de uma fábrica de escapamentos de veículos. Foi ele que entrou em contato com Werner levando a proposta de abrir um negócio, e era também quem conhecia Geraldo, o terceiro a entrar na empreitada. É um ótimo orador.

### Quem é o

Geraldo Werninghaus era a ponta que faltava ao tripé: especialista em mecânica. Nasceu em Rio do Sul e aprendeu mecânica com o pai, Wilhelm, que veio da Alemanha, em 1928, com o curso de técnico-mecânico concluído. Trabalhou na oficina do pai até se associar a Eggon e Werner. Tinha excelente senso de organização, o que foi importante na área da produção. Entrou na política em 1989 e foi vereador, deputado estadual e prefeito de Jaraguá do Sul. Faleceu em fevereiro de 1999, vítima de um acidente de carro.



▶ No painel, uma reunião dos anos 60



▶ Werner e Geraldo na fábrica, também nos anos 60

**EMOÇÃO** – No dia da inauguração do museu, como sempre, quem fez o discurso foi Eggon, que se emocionou ao lembrar do passado:

**“É um momento que vivemos que nos embarga a voz, pela emoção de somos tomados. Os três mosqueteiros não mediram esforços para que um pequeno negócio, com capital irrisório, chegasse a ser esse grande empreendimento”.**

# Uma cidade

Jaraguá do Sul é a cidade onde a WEG nasceu, cresceu e construiu a maior planta industrial do mundo para fabricação de motores elétricos. Nenhuma outra indústria do ramo tem uma fábrica tão grande num só lugar. A WEG e a cidade cresceram juntas, uma contribuindo para a evolução da outra. Enquanto a WEG gerou emprego para a população local, Jaraguá desenvolveu uma comunidade que está entre as de melhor qualidade de vida do país, com uma população que valoriza a educação e o trabalho. Os parques fabris da empresa na cidade empregam cerca de 8 mil pessoas, quase 10% da população total de 108,5 mil.



✦ Prefeito Pasold: passado valorizado

## >>> Qualidade de vida

Em contrapartida, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano 2000, produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a cidade é a 9ª colocada em Santa Catarina e 32ª colocada no país em qualidade de vida, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) de 0,85 num escala de 0 a 1. Não é a toa: 97,35% dos adultos são alfabetizados, 90,94% das crianças estão na escola e a expectativa de vida é de 74 anos.

Jaraguá é uma cidade pequena, mas já é a terceira maior economia do estado, sediando grandes empresas dos ramos eletroeletrônico, metalúrgico e têxtil. O imigrante europeu que chegou à região no fim do século 19, com

pouco dinheiro e muito espírito empreendedor, desenvolveu primeiro a agricultura. Com o excedente da produção, começou o comércio. Com a chegada da ferrovia, tornando mais fácil o escoamento da produção, veio a indústria.

Com a instalação do museu, a WEG estreita ainda mais o laço com a terra que lhe serviu de berço. Tanto por se tornar mais um espaço para a promoção da cultura na cidade quanto por incluir a história de Jaraguá na própria temática do museu.

Mas não poderia ser diferente, pois tudo faz parte do mesmo contexto, desde a roda d'água, por exemplo. Ela foi utilizada pelos imigrantes europeus que se instalaram em Jaraguá para obter o benefício da energia elétrica, indissociável do motor elétrico, que é o produto da WEG.

## >>> Preservação

O Museu WEG reforça o espírito de preservação da história na cidade. “Jaraguá está começando essa questão da preservação da memória porque o povo gosta e está respondendo a isso. Tanto que no museu Emílio Silva (outro museu interativo da cidade) o público já chegou a 400 pessoas num domingo à tarde”, lembra Alcioni. “O que nós queremos é fazer de Jaraguá do Sul uma referência em termos de preservação da memória”, acrescenta.

“A iniciativa do Museu WEG vem reforçar que temos memória e que sabemos valorizar os tempos idos. Mostra para o jaraguense que, quando se tem uma proposta, se você se dedicar, acreditar e valorizar, você consegue o objetivo. No seu exemplo, desde a origem até hoje, a WEG tem essa visão de que quem acredita consegue”, afirmou o prefeito de Jaraguá do Sul, Irineu Pasold.

## Raio X Jaraguá do Sul

População  
**108.489 habitantes**  
Crescimento da população entre 1991 e 1996  
**3,87%**  
Homens  
**50,41%**  
Mulheres  
**49,59%**  
Descendentes de alemães  
**43%**  
Descendentes de italianos  
**24%**  
Outras etnias:  
**poloneses, húngaros, africanos e miscigenados**

## Visitação

- ✦ Segunda a sexta: das 9 horas às 11h30 e das 13h30 às 16h30
- ✦ Quartas-feiras: aberto até as 21 horas
- ✦ Sábados: das 9 horas às 11h30
- ✦ Domingos: das 14 às 16 horas

## Números

- ✦ O museu tem **26 nichos temáticos** (ambientes dedicados a determinado tema), mais uma Sala Multimídia e uma Sala de Exposições Temporárias
- ✦ A construção e preparação dos nichos contou com o trabalho de cerca de **200 pessoas**, incluindo fornecedores.
- ✦ A obra levou **dois anos** para ficar pronta.



Acima, maquete interativa de Jaraguá do Sul; ao lado, o primeiro carro e a imagem do fundador; abaixo, motores históricos da WEG



“O Museu é um instrumento que possibilita a abertura da imagem de Jaraguá na área da cultura. Mostra que cultura se faz no dia-a-dia, na obra que nasce e cresce, no trabalho. Quem vem de fora terá a oportunidade de levar de Jaraguá uma impressão do que a força humana é capaz.” **Monika Conrad**, presidente da Sociedade Cultural Artística de Jaraguá do Sul.



“A WEG, além de tudo que ensina, dos talentos que traz para a região, representa a história fantástica de três pessoas, o exemplo de vida, de conduta, perseverança, de não ter medo do novo. Toda criança que vier aqui vai se sentir enconrajada a pensar que tudo é possível.” **Niura Sandra Demarchi dos Santos**, Secretária de Desenvolvimento Regional.



“Eu penso que não existe futuro sem alicerces no passado. Não dá para imaginar este local como museu, mas como referência que vai determinar os destinos da WEG. O museu é a imagem viva do que foi, do que é e do que vai ser o futuro da WEG. Estão de parabéns os 200 colaboradores que viabilizaram este museu. Mas também estão de parabéns todos, sem exceção, que conseguiram fazer história na WEG.” **Vicente Donini**, presidente da Marisol.



# O circo não morreu

**WR - Quais as mudanças que você já percebeu na política cultural brasileira, desde que o novo governo assumiu?**

**Marcos** - Tenho plena convicção de que o governo está no caminho certo, em todos os aspectos. Gilberto Gil, no Ministério da Cultura, é um ganho para o país em sabedoria, postura e maturidade. Sua trajetória profissional impecável o credencia a colocar o Brasil numa posição invejável em nível mundial. Nada é mais brasileiro que Gilberto Gil e sua arte. E, ainda por cima, ele é negro, mais uma vitória da raiz brasileira. Hoje vemos uma produção artístico-cultural intensa. E, o que é importante: esta produção não se concentra mais no eixo Rio-São Paulo.

**WR - A arte brasileira tem uma cara? Como ela é?**

**Marcos** - É, acima de tudo, eclética. A arte brasileira é rica, e muda de acordo com as várias manifestações que encontramos pelo país. O Brasil é uma reserva natural, criativa, humana e espiritual do planeta. E isso se reflete em sua arte. Essa arte ajuda a construir a nação.

**WR - A TV brasileira exporta novelas para o mundo todo. A que você deve esse sucesso?**

**Marcos** - À qualidade dos nossos autores, diretores, artistas e técnicos. A TV Globo, sem dúvida, é uma das responsáveis por grandes momentos da dramaturgia brasileira. Ela criou um público exigente, e responde a esta exigência formando cada vez mais talentos. Nossos autores conseguem criar ou adaptar textos maravilhosos, e os diretores - muitos deles vindos da frente das câmeras, atores - são de um excelente nível.

**WR - O teatro sempre foi considerado como a verdadeira arte**

*Criado na pequena e mineira Guaxupé, o paulistano Marcos Magano Frota tinha a mesma ansiedade das demais crianças de sua idade: a chegada do circo. Essa paixão pela lona fez com que o hoje consagrado Marcos Frota investisse na criação de seu próprio circo. Marcos - que estrelou a campanha dos 25 anos da WEG, em 1986 - criou também a Universidade Livre do Circo, onde aprendizes utilizam-se do Grande Circo como um estágio para praticar suas habilidades. Nesta entrevista exclusiva à WEG em Revista, Marcos fala de suas expectativas quanto aos rumos da política cultural brasileira, da excelência da arte no país e, claro, de circo.*



DIVULGAÇÃO

**formadora de talentos. Ainda é assim, ou a televisão já assumiu esse papel, especialmente no Brasil?**

**Marcos** - O teatro sempre vai ser a principal escola formadora de intérpretes, pois é um exercício diário, um aperfeiçoamento constante. Mas a televisão - assim como o cinema - tem um papel importantíssimo na formação de novos talentos.

**WR - O artista brasileiro é bem remunerado, ou só os que fazem novela ganham bem?**

Na verdade, mesmo entre os artistas de novelas, os ganhos não são aqueles imaginados pelo público. O que favorece os atores e atrizes de novelas é a exposição, principalmente aquela proporcionada pela Globo. Graças a essa presença ostensiva na tela e nos lares, os artistas conseguem contratos comerciais. Isto dá mais ganhos que os salários propriamente ditos.

**WR - De onde vem essa sua ligação com o circo?**

Desde criança. Eu me criei em Guaxupé, no interior de Minas, e a chegada do circo era uma festa. Em 1986 fiz a novela *Cambalacho*, interpretando o trapezista Rick Romano. Cinco anos depois, criei o Grande Circo Popular do Brasil. E a história não parou mais.

**WR - Você acredita na revitalização do circo no Brasil?**

Historicamente, o circo sempre teve dificuldades, sempre foi uma arte sacrificada, dependente de público. Hoje está um pouco diferente. Os grandes circos conseguem patrocínios. Eu, por exemplo, tenho um grande apreço pela Marisol, de Jaraguá do Sul, que patrocina a turnê atual. E também há escolas formadoras de artistas, das quais a Universidade Livre do Circo é um exemplo.

WEG

# SCAR: templo da arte



Na foto maior, o Balé da Dinamarca; nas menores, uma exposição e o grande teatro

## ▶ *Sociedade Cultural Artística coloca Jaraguá do Sul no roteiro dos grandes espetáculos nacionais*

Desde maio deste ano, a cidade catarinense de Jaraguá do Sul, com cerca de 108 mil habitantes, vem recebendo atrações culturais de peso: os humoristas Chico Anísio, Ary Toledo e Juca Chaves, o ator Selton Melo (com a peça *Zastrozi*), o grupo Cena Onze, de Florianópolis, e o Balé Real da Dinamarca.

Essa efervescência da cultura na cidade tem um responsável: o Centro Cultural de Jaraguá do Sul, nova sede da Sociedade Cultural Artística (SCAR), entidade voltada à promoção da arte desde 1956. A SCAR já vinha trabalhando para inserir Jaraguá no circuito cultural nacional há anos mas, com este espaço, a estrutura para isso é muito melhor. O prédio, inaugurado no dia 16 de maio, tem quatro andares e 10 mil metros quadrados. Lá se abrigam o Grande Teatro, com capacidade para mil pessoas, e o Pequeno Teatro, com 250 lugares, dotados de alta qualidade em termos de acústica, iluminação e mecânica cênica. “O Balé Real da Dinamarca faz 200 apresentações por ano, e os integrantes disseram que o melhor espaço do mundo em que se apresentaram, comparando entre cidades do mesmo porte, foi Jaraguá do Sul”, conta Udo Wagner, vice-presidente de Marketing da SCAR.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

## >>> **Iniciativa privada**

O Centro Cultural não foi construído pelo poder público. Ele é fruto da união da comunidade em torno de um sonho, iniciado em 1989. Foi construído com o trabalho voluntário de dezenas de pessoas.

“A SCAR representa a crença de que é possível mudar uma sociedade para melhor por meio de atividades culturais”, afirma Monika Hufenüssler Conrads, presidente da instituição. O Centro Cultural tem três salas para exposições e 17 salas multiuso, em que funcionam 35 cursos, envolvendo teatro, música, dança e artes plásticas.

Segundo Udo Wagner, com o Centro Cultural, Jaraguá quer ser a número 1 em cultura em Santa Catarina. “Estamos trazendo para a cidade folclore, exposições de artes plásticas, humor, música, teatro e dança”, diz.

Além das apresentações realizadas no Grande Teatro, o local tem atividades praticamente todos os dias, envolvendo o Pequeno Teatro ou as outras salas. Em agosto, por exemplo, aconteceu a terceira edição do Festival de Formas Animadas, apresentando 18 grupos do Brasil e do exterior. O evento atraiu 10.300 pessoas, das quais 8.500 eram crianças.

## >>> A história

Tudo começou com Adélia Piazero Fischer, pianista nascida em Jaraguá do Sul em 1912, que conseguiu reunir em torno de si e de sua paixão pela música toda uma orquestra. Inicialmente, na década de 1940, ela e o marido, Francisco Fernando Fischer, contabilista e violinista, se reuniam com outros músicos amadores para tocar em noites culturais, concertos beneficentes e audições.

O grupo foi crescendo até que, na década de 1950, transformou-se numa orquestra. Entre os componentes, um clarinetista chamado Werner Ricardo Voigt (o W da WEG). Em 1956, os membros da orquestra fundaram a Sociedade Cultura Artística, a SCAR.

A primeira sede própria veio em 1986. A sede atual começou a ser construída em 1989, num terreno doado pela Prefeitura, e teve investimento total de R\$ 12 milhões.

A WEG teve participação fundamental para o sucesso da empreitada, contribuindo financeiramente com quase um terço da obra. “Eggon João da Silva (o E da WEG) foi o primeiro empresário a dizer que iria colaborar para a construção”, conta Monika. A colaboração da empresa continua até hoje, na manutenção da estrutura do Centro Cultural.

Mas a WEG não se limitou ao

apoio financeiro. “Moacyr Sens (diretor superintendente da WEG Motores) trabalhou como conselheiro e participante da comissão de construção nos últimos 15 anos”, lembra Monika. “É muito prazeroso uma obra dessa magnitude ter a nossa participação”, diz Sens. A assessoria da WEG em Brasília acompanhou a documentação para que o projeto da SCAR fosse habilitado a utilizar a Lei Rouanet, a partir de 1996. Já a segunda versão do projeto foi feita em grande parte por profissionais da WEG, em 2001. A empresa forneceu os motores para o principal elevador da SCAR, o do palco. Ele movimentava a orquestra, com cerca de 20 integrantes e seus instrumentos.

## Impressões

*“A gente adorou este lugar, o público é ótimo e o teatro de Jaraguá é um dos mais bonitos que já vimos em todo o Brasil.” - Selton Melo, ator (Jornal de Santa Catarina - 07/09/2003)*

*...Os bailarinos e o presidente da McCann-Erikson, que acompanharam o grupo, surpreenderam-se com o majestoso Centro Cultural e a estrutura do teatro, um dos melhores do mundo. Outro diferencial foi o calor humano que receberam durante os dias que permaneceram em Jaraguá do Sul. (Jornal do Vale do Itapocu - 03/07/03)*

## >>> WEG no teatro de Budapeste



Teatro Nacional é um dos mais modernos da Europa

O novo Teatro Nacional da Hungria, na capital Budapeste, tem equipamentos WEG na maquinaria superior e inferior do palco principal. A obra é o resultado da combinação de múltiplas tecnologias. Por fora, o novo Teatro Nacional Húngaro impressiona por sua arquitetura ousada e perfeitamente integrada à paisagem. Mas é por dentro que se vê suas características mais especiais. É todo equipado com acionamentos comandados por computador, que permitem a realização das mais diferentes alterações no cenário.

O acionamento elétrico é composto por tubos montados com guia integrada, sistema de medição de posicionamento e uma unidade de acionamento e de frenagem onde são utilizados os motofreios WEG certificados pelo VDE na Alemanha. Da maquinaria superior, fazem parte 48 tornos individuais equipados com motores WEG, com uma força de tração de 300 kg e uma potência de acionamento de 5,5 kW, e 33 tornos para o movimento do cenário com uma força de tração de 400 kg e uma potência de acionamento de 7,5 kW. 

# Ensino, fundamental p

✚ *Brasil ainda tem um longo caminho para trilhar, em busca de bons índices na educação e na cultura*



**Décio da Silva,**  
Presidente Executivo da WEG

**C**idadania só existe com educação e cultura. Partindo desse pressuposto, o Brasil vai mal. No quesito alfabetização, dos mais básicos - senão o mais básico -, nosso país está em 37º lugar, de uma lista de 41 países elaborada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), divulgada em junho.

De acordo com a pesquisa, que classifica os estudantes a partir de sua capacidade de usar a leitura para adquirir conhecimentos gerais, 50% dos estudantes brasileiros na faixa dos 15 anos estão abaixo do nível 1 de alfabetização. Abaixo do Brasil estão apenas Macedônia, Albânia, Indonésia e Peru.

Na educação, como na economia, o Brasil tem diferenças gritantes. Temos centros de excelência em vários campos, do ensino fundamental à pesquisa nas universidades, convivendo com uma situação de semi-analfabetismo de parcela significativa da população. Se o extremo de cima não ajudar o extremo de baixo, os dois perdem.

A globalização está pressionando as empresas brasileiras. De um lado, as necessidades cada vez mais urgentes de tecnologia (equipamentos, softwares, eletrônica) e de modelos de gestão cada vez mais avançados (Kanban, Seis Sigma, TQC); do outro lado, uma parcela da população que mal sabe ler. Até quando poderemos suportar o choque de duas realidades tão distintas?

A competitividade depende de tecnologia e gestão de ponta, mas principalmente de pessoas capacitadas e preparadas para conviver nesse novo ambiente. Para resolver esta situação, os recursos governamentais são escassos, por isso é preciso definir prioridades. E o ensino fundamental deve ser a prioridade máxima. Ensinar as crianças a ler e a escrever com qualidade, interpretando textos em vez de simplesmente saber o ABC, é o passo primeiro e mais importante para colocar o Brasil na rota do desenvolvimento.

*A competitividade depende de tecnologia de ponta, mas principalmente de pessoas capacitadas.*

Apesar de ser uma obrigação do governo, as empresas e a sociedade podem e devem contribuir com a educação, promovendo um esforço em conjunto em prol do país. Uma alternativa para incentivar a participação da iniciativa privada na educação pode ser a utilização de um mecanismo semelhante ao já adotado na área de cultura.

O incentivo fiscal é uma maneira não só de a iniciativa privada investir na cultura, mas de descentralizar a decisão do investimento. Uma vez o projeto aprovado na Lei Rouanet, Lei do Audiovisual ou em alguma lei estadual, é a empresa quem decide onde e quanto vai investir. E ainda cobra qualidade. Quando as empresas puderem transformar parte de seus impostos em computadores, carteiras, cursos para professores e até material de construção para ampliar o número de salas de aula, teremos um *boom* de investimentos no ensino fundamen-

# ara o desenvolvimento



tal. Apenas uma ressalva: para realmente funcionar, o incentivo fiscal deve sempre contar com a contrapartida da empresa, a fim de garantir comprometimento verdadeiro.

Na outra ponta da educação, o ensino superior, também temos problemas que merecem atenção quanto às prioridades. Os recursos das universidades públicas, que já consomem parte importante do orçamento da educação, são insuficientes para manter o padrão de excelência que o mercado globalizado exige, e mesmo assim o ensino é gratuito para todos.

Uma parte considerável dos alunos das universidades públicas tem condição e deveria estar pagando pelo curso. Não faz sentido investir em ensino gratuito para atender a quem estudou nas melhores e mais caras escolas desde o ensino básico. Com uma

política forte de bolsas de estudos e crédito educativo, a universidade pública pode continuar a atender a população carente, que com o tempo e com a ampliação dos investimentos no ensino fundamental chegará em maior número ao ensino superior.

E as instituições de ensino podem ampliar ainda mais as parcerias com empresas, fundamentais para desenvolver a pesquisa acadêmica, aproximar os alunos e professores do mercado de trabalho e até criar relacionamentos entre universidades do Brasil e do exterior, como é o caso do Comitê Científico e Tecnológico WEG, formado por representantes da empresa e de instituições de ensino internacionais e brasileiras.

Essa estratégia de longo prazo deve ser combinada com o investimento no ensino profissionalizante e também na

educação de adultos. O Brasil precisa de técnicos. Há uma demanda crescente nas empresas por profissionais de nível técnico das mais variadas áreas. A procura por cursos desse tipo é natural, e só tende a crescer, contribuindo para que se forme gente especializada e apta a crescer e se desenvolver cada vez mais.

Essa discussão apaixonante sempre vai dividir opiniões a favor ou contra alternativas aqui apresentadas. Mas em um ponto deve haver uma só opinião: fundamental mesmo é a educação. Quando melhorarmos índices como o medido pela Unesco, veremos outros índices crescerem, como a produtividade industrial, a distribuição de renda, as exportações e, principalmente, a qualidade de vida de toda a população brasileira.

WEG

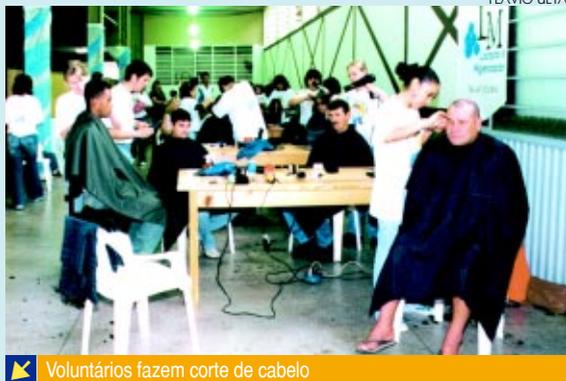
## >>> WEG completa 42 anos

No dia 16 de setembro a WEG completou 42 anos de existência, realizando vários eventos de comemoração. O mais importante foi a inauguração do Museu. Também no dia 16 foi realizado um almoço especial com os colaboradores nos refeitórios dos parques fabris de Jaraguá do Sul, com apresentações de dança de alunos de diversas escolas da cidade.

### Ação Comunitária

*A 8ª Ação Comunitária WEG, no dia 21 de setembro, realizou um total de 19.697 atendimentos. Foram oferecidas dezenas de serviços gratuitos, como avaliação física, orientação sobre plantas medicinais, exame de mama e orientações sobre prevenção do câncer de útero, carteira de identidade, carteira de trabalho e título de eleitor e atividades para crianças. A Ação foi realizada no Parque de Eventos de Jaraguá do Sul e contou com 50 entidades parceiras e 550 voluntários.*

FLÁVIO UETA



Voluntários fazem corte de cabelo

## >>> Mudar para crescer

Novas mudanças no organograma da WEG Exportadora (WEX) aconteceram em setembro e outubro, com o objetivo de aumentar a participação da empresa no mercado externo, hoje responsável por 40% do faturamento da WEG. Mauro Mendes assumiu a gerência de Vendas da Região A (América do Norte). Anderson Fernandes assume a gerência de Vendas da Região B (Europa). Antônio César da Silva passa a gerente de Vendas Industriais e Marketing. Rogério A. Rodrigues deixa a gerência de Vendas de Motores Fracionários e Appliance da WEX e assume como gerente de Vendas da WEG Motores. Marcelo de A. Cruzeiro Junior assume como gerente de Vendas para o Mercado de Portugal, na WEG Euro. Ainda na WEX, foram nomeados sete novos chefes de vendas.



No estande, destaque para a maior carcaça de ferro fundido do mundo

## >>> Lançamentos WEG na FIEE

A WEG apresentou novidades na Feira Internacional da Indústria Elétrica, de Energia e Automação (FIEE), realizada no Anhembi, em São Paulo, em outubro. A empresa levou à feira suas soluções industriais em variação de velocidade, comando e proteção de motores, geração, transmissão e distribuição de energia e automação de processos industriais, além de muitos lançamentos.

## >>> Seminário com especialista alemão

Engenheiros e técnicos da WEG participaram de um seminário exclusivo sobre contatação elétrica e extinção de arcos elétricos com o professor Manfred Lindmayer, da Universidade Técnica de Braunschweig (TUB), da Alemanha. Responsável pelas disciplinas de sistemas de potência e tecnologia de plasma, ele é considerado uma das maiores autoridades mundiais na área de contatação elétrica e extinção de arcos.

## >>> Revestimento antimicrobiano

A WEG Química está apresentando uma nova linha de tintas em pó, com propriedades antimicrobianas. A tinta em pó Politherm NobaC inibe a proliferação de bactérias e fungos e outros microrganismos na superfície pintada, além de oferecer alta resistência química e fácil limpeza. É a solução para locais onde há grande preocupação com higiene e saúde, como equipamentos médicos e odontológicos, processamento de alimentos, unidades de condicionadores de ar, eletrodomésticos, metais sanitários, móveis e cozinhas de aço, entre outros.

# As bactérias não vão ver nem a cor dessa tinta



Chegou a nova tinta em pó Politherm antimicrobiano NobaC<sup>®</sup>, desenvolvida pela WEG para proteger superfícies contra o surgimento de bactérias, fungos e outros microorganismos, além de oferecer uma superfície de alta resistência química e fácil limpeza. Com NobaC<sup>®</sup>, você garante a saúde de todos, menos dos microorganismos.

# NOBAC<sup>®</sup>

Sistema de revestimento antimicrobiano



**POLITHERM**  
TINTA EM PÓ

**WEG**

QUÍMICA

(47) 372-5555

wquimica@weg.com.br

Catálogo  ELETRÔNICO  
www.weg.com.br

SÓ PRA VOCÊ LEMBRAR  
QUEM É QUE TRANSFORMA  
ENERGIA EM SOLUÇÕES.



*Transformando energia  
em soluções*

Navegue na WEG [www.weg.com.br](http://www.weg.com.br)

